

12. Testemunhar a fé, como crianças numa floresta, sem medo

por Julián Carrón*

Com uma percepção aguda do desafio epocal diante do qual a fé se encontra, o então Cardeal Ratzinger disse em 1991 – o muro de Berlim tinha sido derrubado apenas dois anos antes –: «O que, então, deve fazer a Igreja, ou as Igrejas, em tal contexto? Eu responderia: elas deveriam, em primeiro lugar, ser de uma vez por todas realmente elas mesmas». Para cumprir esta tarefa, conclui, «a Igreja deve estar disponível para padecer, deve preparar o caminho para o divino não com instrumentos de poder, mas na obediência ao Espírito, não com a eficácia das suas estruturas institucionais, mas [atenção!] através do testemunho, do amor, do seu próprio viver e sofrer, e assim ajudar a sociedade a encontrar sua autêntica fisionomia moral».¹ [...]

Dom Giussani foi nosso pai e continua a acompanhar-nos na experiência cada vez mais consciente de uma alegria que não podemos guardar para nós, que queremos dividir com todos os nossos irmãos homens: «Testemunhar a fé é a tarefa da nossa vida», diz-nos. «Pois o cristão tem uma tarefa específica na vida, que não é o exercício de uma determinada profissão, mas sim a fé: testemunhar a fé e fazê-lo dentro do seu próprio estado de vida. Existe a família, existe a profissão, mas “a” tarefa é testemunhar a fé. Para isso é que fomos escolhidos. [...] Deste modo é que expressamos a nossa personalidade, não de padres, nem de freiras, não de operários ou de profissionais, ou de pais de família, mas de cristãos, qualquer que seja a atividade com a qual nos ocupamos: afirmando que a salvação já está presente e mostrando-a, testemunhando-a a todos».²

Eis então a postura com que o cristão entra em relação com qualquer pessoa e com qualquer coisa: «Somente se possuídos inteiramente por um amor [que realiza a vida, que nos faz experimentar uma plenitude], somente reconhecendo-nos pertencentes ao amor de Cristo “transbordante de paz”, é que somos como crianças que entram na escuridão de uma floresta, sem medo. É o acontecimento de Cristo o que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica. A valorização do pouco ou do muito de bem que há em todas as coisas leva a criar uma nova civilização, a amar uma nova construção: assim nasce uma cultura nova, como »

* Do livrinho dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Amei-te com um amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» nexo entre todos os retalhos de bem que existem, na tensão de os fazer valer e concretizar. Sublinha-se o positivo, mesmo no seu limite, e abandona-se tudo o resto à misericórdia do Pai».³

Existe alguma coisa de mais libertador e pacificador do que esta humilde certeza, fonte de um olhar positivo para tudo e para todos?

¹ J. Ratzinger, *Svolta per l'Europa. Chiesa e modernità nell'Europa dei rivolgimenti*. Cinisello Balsamo (Mi): Edizioni Paoline, 1992, p. 142, 144.

² L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo, Companhia Ilimitada, 1996, p. 155.

³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milão 1998, p. 158-159.